

# ENSAIAR A LEITURA COM CRIANÇAS NA PALAVRA MUNDO

## ENSAYAR LA LECTURA CON NIÑOS EN EL MUNDO DE LA PALABRA

Ana Isabel Ferreira de Magalhães <sup>1</sup>  
Cristiana Callai <sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada em uma escola de Educação Infantil com crianças de 5 anos. Pensamos a leitura como ato de entoar mundos, que escapa ao modo prescritivo, dado ou concluído, longe dos olhos que a enxergam como algo a ser memorizado, ou até mesmo entendido e explicado. Partilhamos com as crianças as poesias de Manoel de Barros, elas se sentem atraídas pela linguagem, sonoridade e imagens que despertam a imaginação. Elas experimentam a poesia, à moda ave, com desenhos ilustram as suas poesias autorais. Imersas no cotidiano escolar, somos provocadas a refletir sobre as sutilezas do gesto de oferecer livros de poesias às crianças. Como recorte metodológico, utilizamos a etnografia, com observação participante e registro no diário de pesquisa.

**Palavras-chave:** Criança. Poesia. Educação Infantil.

**Resumen:** Este trabajo es el resultado de una investigación realizada en una escuela infantil con niños de 5 años. Pensamos la lectura como un acto de cantar mundos, que escapa a la modalidad prescriptiva, dada o concluida, lejos de los ojos que la ven como algo a ser memorizado, o incluso comprendido y explicado. Compartimos la poesía de Manoel de Barros con los niños, se sienten atraídos por el lenguaje, el sonido y las imágenes que despiertan la imaginación. Experimentan con la poesía, la moda de los pájaros, con dibujos que ilustran su poesía autoral. Inmersos en la cotidianidad escolar, nos vemos incitados a reflexionar sobre las sutilezas del gesto de ofrecer libros de poesía a los niños. Como abordaje metodológico se utilizó la etnografía, con observación participante y registro en el diario de investigación.

**Palabras clave:** Niño. Poesía. Educación Infantil.

- 
- 1** Mestre em Ensino/UFF. Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC - RJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5596217642429749>. ORCID: 0000-0001-8463-4649. E-mail: [anaisabelfm2007@yahoo.com.br](mailto:anaisabelfm2007@yahoo.com.br)
  - 2** Professora Associada da Universidade Federal Fluminense/UFF. Doutora em Educação/UFF. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8060028242388784>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8721-9184>. E-mail: [criscallai@gmail.com](mailto:criscallai@gmail.com)

## Introdução

Nossa interação com as crianças acontece no cotidiano escolar da Educação Infantil, como procedimento da observação participante, pois “parte do princípio de que o pesquisador tem um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetado” (ANDRÉ, 2005, p.28). Nos percebemos como sujeitos da experiência, uma vez que é um sujeito exposto e receptivo, para Larrosa, o sujeito da experiência não se define por sua capacidade de opinar ou de informar, não é o sujeito do saber ele se define por sua receptividade, ou seja, por sua abertura. Seria — algo como um território de passagem, como uma superfície sensível que aquilo que acontece deixou de alguma forma marcas, deixou vestígios e efeitos (LARROSA, 2016).

Volta e meia, observamos que as crianças estavam com livros à mão, a pedir ou a contar histórias. Era mais que ler, era entoar palavras ao vento. Nós estávamos atentas às crianças, as suas interações e as suas brincadeiras, a inteireza de seus corpos naquela manhã em que Manoel de Barros pousou ali, com o livro ‘Cantigas por um passarinho à toa’, e juntos, alçamos voos.

Freire avista a leitura de forma mais ampliada, uma vez que a leitura de mundo precede a escrita das palavras, colhida com o olhar ou através dele diante do mundo, às vezes pelo toque, pegando e descobrindo o mundo que nos cerca, colhida através da brincadeira na rua, na escola, também na brincadeira com a terra, com o barro, não importa. Freire a enxerga como um processo que se antecipa à vida escolar, ao mesmo tempo em que a atravessa e a sucede, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2011, p.19-20).

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perspectiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras (FREIRE, 2011, p. 21).

Nessa sua obra, a qual nos referenciamos: “A importância do ato de ler”, publicada originalmente em 1982, Paulo Freire revisita sua infância em Pernambuco, “relê” momentos vividos em sua alfabetização guardados na memória “neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (FREIRE, 2011, p.20). Freire enfatiza que ler vai além da decodificação de letras e sinais, a leitura crítica, aquela que faz sentido para o leitor, se estende para além do que possa ser escrito, “uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (2011, p.19).

## A menina entoia poesia à moda passarinho

Manoel de Barros estava ali, oferecendo suas poesias às crianças. Elas aceitam o convite e pegam o livro que tem um tamanho diferente, olham com atenção e logo estão passeando pelas folhas. As imagens chamam a atenção, talvez por não serem óbvias. Observamos que elas leem com o dedo, é a ponta do dedo que acaricia as imagens. E assim, elas iam lendo ao modo barreano. Depois pediram para que lêssemos o livro, e assim fizemos. Contamos, recontamos e elas recontaram ao seu modo. Sem propósito, sem inquisição e sem explicação.

Uma menina em posse do livro procura pelo poema do “passarinho”, logo, sai em busca de materiais e fez um desenho. Depois recortou e colocou dentro do livro, momento em que diz: *Fiz um livro de poesia!*

**Figura 1.** O passarinho fica na árvore  
Quando sente saudade  
voa pro ninho.  
(Maria, 5 anos)



**Fonte:** Arquivo pessoal das autoras

Ficamos surpresas com a composição da obra. Ela usou o livro de Manoel de Barros como suporte para ser o seu livro. Ali, com o livro em mãos e seu desenho compondo a folha, ela entoava a sua poesia ao mundo.

Um mundo se descortina a partir do seu livro de poesia, ultrapassa a mera interpretação do código escrito, posto que, dentro do olhar Freiriano, a leitura da palavra acontece por meio das associações do texto com a realidade vivida. “A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e o contexto” (FREIRE, 2011, p. 20). Para tanto, precisamos interagir com o texto, ou seja, relacionar nossas leituras de mundo com a leitura da palavra, a fim de compor o significado ao texto lido. A cada descoberta, somos desafiados a refletir nos efeitos que a leitura vem nos provocar, refletir seus sentidos que nos perfuram.

*Os textos, as palavras, as letras daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber-se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles, nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 2011, p. 21).*

Palavramundo que habita em nossas memórias cutuca a emoção, deseja brincar, sacolejar, ir a lugares onde a gramática não alcança. Entrelaçamos nossas memórias, aquelas que estão guardadas em nós, às memórias de Freire, desenhadas com a palavramundo, nossa origem: a infância. Infância da palavra. Encontramos com Manoel de Barros (2017, p.37) “A infância da palavra já vem com o primitivismo das origens”. Assim... Palavras faiscantes. Palavramundo na qual o mundo inteiro caiba. Poesia. Brincadeira. Criança. Palavra que gorjeia feito passarinho. Palavra a gosto de Manoel de Barros (2017) não precisa significar, é só entoar.

“Eu faço travessuras com palavras” poetizou Manoel de Barros (2017, p.33), palavras que fazem nosso pensamento se deslocar, o que não nos é habitual acontece, somos capturados por um léxico que se faz imagem. A partir de suas travessuras com palavras, podemos admitir o seu desgosto pelas palavras “de tanque”. “Porque palavras do tanque são estagnadas, estanques,

acostumadas. E podem pegar mofo. Quisera um idioma de larvas incendiadas. Palavras que fossem de fontes e não de tanques” (2008, p.97). Palavras incendiadas, eis a paixão de Manoel de Barros. Palavras que vibram. Palavras que pulam e brincam. Palavras que nos laça e nos vira do avesso. Palavras que têm canto. Manoel revela que “a maneira de dar canto às palavras o menino aprendeu com os passarinhos” (BARROS, 2017, p.57). A infância vive dentro da poesia de Manoel de Barros, assim como, a natureza respira em sua escrita.

Encontramos com o modo poético de Freire narrar o modo pelo qual foi alfabetizado “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 2011, p.16). Freire traz poesia em forma de memórias, desenha sua palavramundo bailando em suas lembranças.

Tecemos este trabalho, de um lugar no qual a leitura e a escrita escapam ao modo prescritivo, dado ou concluído, longe dos olhos que as enxergam como algo a ser memorizado, ou até mesmo entendido e explicado. Preferimos vislumbrar a leitura e a escrita como ato que desperta sentidos e talvez, vire poesia. Poesia de crianças que escrevem desgarradas das normas gramaticais e da sintaxe. Crianças que recolhem suas palavras em seu mundo infantil, o mundo no qual habitam. Crianças que experimentam a escrita como forma de comunicar seu lugar, seu mundo.

Ler e escrever podem ser um processo agradável, prazeroso e criativo. Se o foco da prática pedagógica está centrado na aprendizagem, a sala de aula pode se converter num espaço de exercício da criatividade e da imaginação. No processo de alfabetização a leitura e a escrita podem (e devem) ser trabalhadas de forma lúdica e criativa. Brincando com a palavra, a criança a incorpora a sua realidade e utiliza-se dela para expressar conteúdos existenciais, imaginários e emocionais, num processo de comunicação com o mundo (PÉREZ e ARAÚJO, 2011, p. 137).

Quando a criança escreve o que para ela faz sentido, o aprendizado da leitura e da escrita transforma-se em um processo de descoberta, pois a criança vai se apropriando daquilo que, para ela, carrega significado. Nessa dinâmica, a escrita cumpre sua função social, tudo envolto na palavramundo, na palavra que abraça o campo das muitas possibilidades de se comunicar.

## Poesia com a palavramundo

*“Manuela, o que é poesia para você?”*

*Poesia pra mim é uma inspiração de arte”*

\*\*\*

Borboleta Alegre

Borboleta, borboletinha

Tão bonita

Alegre a voar

Com seu voo leve

Toda delicada

Com cores tão lindas

Voando pelo céu azul

Pousando de flor em flor

Dançando na margarida

Alegre a voar  
Sempre estará.  
(Manuela – 6 anos)

Manuela tece poesia inspirada na borboleta que baila em sua imaginação. Brinca com as suas palavras, borboleta, céu, cores, alegria. No prefácio do livro *Pedagogia do Oprimido*, Ernani Maria Fiori (2015) nos alerta para a necessidade do homem aprender a dizer a palavra, porém não é qualquer palavra, mas a – “sua palavra, pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que constitui; instaura o mundo em que se humaniza, humanizando-o” (p.17). É a palavra autêntica, comprometida com sua história e com a transformação do mundo no qual o sujeito vive. É através da palavra que o homem se torna humano. Fiori acrescenta ainda que a palavra pessoal, criadora não deve ser guardada, isolada da multidão e muito menos repetida como um monólogo sem identidade. De acordo com esse autor:

A palavra instaura o mundo do homem. A palavra, como comportamento humano, significante do mundo, não designa apenas as coisas, transforma-as; não é só pensamento, é — práxis. Assim considerada, a semântica é existência e a palavra viva plenifica-se no trabalho. Expressar-se, expressando o mundo, implica o comunicar-se. A partir da intersubjetividade originária. Poderíamos dizer que a palavra, mais que instrumento, é origem da comunicação – a palavra é essencialmente diálogo. A palavra abre a consciência para o mundo comum das consciências, em diálogo, portanto. Nessa linha de entendimento, a expressão do mundo consubstancia-se em elaboração do mundo e a comunicação em colaboração. E o homem só se expressa convenientemente quando colabora com todos na construção do mundo comum – só se humaniza no processo dialógico de humanização do mundo. A palavra, porque lugar do encontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento das consciências, também o é do reencontro e do reconhecimento de si mesmo (FIORI, 2005, p. 25).

Manuela toma consciência de seu mundo, dialoga com ele através de sua palavra. A poesia é seu lugar de encontro, uma vez que na poesia, as palavras vão além da informação, pois na poesia habita o canto, e como bem diz Manoel de Barros “Para cantar é preciso perder o interesse de informar” (2017, p.43). Nessa dinâmica produzida pela voz do poeta, que é a poesia, a criança escuta o voo da borboleta, potencializa a palavra com sua visão criadora, não sequencial, liberta a palavra da escravidão obediente, inaugura mundos, cria reinos e personagens para habitá-lo.

Antes de Manuela tecer poesia a professora perguntou-lhe - o que é poesia para você? A criança respondeu com a experiência que a mesma criara com seu contato com a poesia. Inspiração. Arte. Na dinâmica da sala de aula, as palavras não apenas nomeavam coisas ou objetos, traziam algo a mais. Palavras que expressavam o mundo no qual cada criança se faz sujeito.

Pérez (2003) salienta que aprender a palavra é aprender seu significado, o qual está inserido em um modo de ser e pensar. A leitura e a escrita como deslocamento e possibilidade para atingir outros espaços e territórios revelados através da aprendizagem dessas crianças, que ao criar se reinventam. Mais do que aprender a ler sílabas, as crianças aprendem a olhar e desvelar o oculto nas dobras de sua palavravmundo.

Vivemos, há vários anos, o processo de refletir e repensar uma prática alfabetizadora que tem como referência uma concepção mecanicista do aprender a ler e a escrever, onde o treino, a repetição e a memorização são compreendidos como determinantes nesse aprendizado. Temos experienciado a construção coletiva de um fazer alfabetizador que garanta

às crianças a vivência de situações significativas de leitura e escrita (SAMPAIO, 2008, p. 64 e 65).

É na vivência da palavra, na palavra autêntica, aquela que expressa e modifica o mundo, que a criança demonstra sua existência. Ao pronunciar a sua palavra, a criança manifesta sua história, demonstra sua existência. Aprende que precisa dizê-la, afinal é na palavra que somos tecidos (LARROSA, 2016).

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros - o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras”, daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores - das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada, o verde da manga-espada inchada; o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto (FREIRE, 2011, p. 13).

Freire, de modo poético, e com a sua palavra, narra o modo no qual foi alfabetizado. Poesia que nasce de sua primeira perspectiva de mundo. Poesia tecida a partir de seu olhar diante do mundo, espalhada em variadas formas. Escrita cuja leitura se faz com as mãos, com os pés e com os olhos dos sentidos e com os ouvidos atentos àquilo que o move. Escritas presentes em cada linha, espalhada no cotidiano que acena para o olhar particular e individual de cada sujeito, terreno no qual a palavra se enverga, vai além da mesmice, do comum, altera seu sentido, quebra as barreiras do entendimento convencional, corta as amarras das palavras presas à sintaxe, à morfologia e à semântica. Nesse movimento, o verbo pega delírio.

No descomeço era o verbo.  
Só depois é que veio o delírio do verbo.  
O delírio do verbo estava no começo, lá onde acriança diz:  
Eu escuto a cor dos passarinhos.  
A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para cor,  
mas para som.  
Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.  
E pois.  
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos  
O verbo tem que pegar delírio.  
(MANOEL DE BARROS, 2016, p. 83)

O verbo pega delírio na infância da palavra, quando a mesma não é obrigada a ficar amarrada a um lugar estático, ao mesmo tempo, esse delírio é tecido com sentido e com significado. A palavra escapa dos moldes paralisantes, das vestes tristes e sem vida. A linguagem infantil de Manoel de Barros traz um encantamento especial, o poeta insiste em trazer o menino que habita em si para dialogar com ele, esse lirismo captura o leitor e o convida a entrar nesse jogo discursivo, o mesmo jogo com o qual Manuela e Maria brincam, lugar onde a leitura e a escrita têm significado. A leitura e a escrita como deslocamento e possibilidade para atingir outros espaços, mais do que aprender a ler sílabas, mais do que codificar e decodificar palavras vazias.

Vivemos, há vários anos, o processo de refletir e repensar uma prática alfabetizadora que tem como referência uma concepção mecanicista do aprender a ler e a escrever, onde o treino, a repetição e a memorização são compreendidos como determinantes nesse aprendizado. Temos experienciado a construção coletiva de um fazer alfabetizador que garanta às crianças a vivência de situações significativas de leitura e escrita (SAMPAIO, 2008, p. 64 e 65).

Cada criança compõe suas leituras de mundo e tece sua história, uma vez que, seu contato com o mundo não é somente físico, é também histórico “na existência dos homens o aqui não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico” (FREIRE, 2015, p.124). Espaço que aprende. Dialoga. Se faz sujeito de sua história.

As crianças adentraram o mundo da magia e do encanto convidados pela poesia que impregna a sala de aula. Seduz. Palavras e imagens geradas na infância dessas crianças, em seus sonhos e devaneios, depois são trazidas para seu mundo real em forma de poesia. São palavras que pulsam no mundo desses autores, palavras que querem brincar, alçar voos, tagarelarem, sair dos porões. Essas crianças querem dizer o que sentem, o que gostam, querem inventar poesias com as cores e as imagens de seu mundo e de seus sentimentos.

A leitura e a escrita extrapolam, vão além da decodificação de sinais, são carregadas de sentido, nesse movimento, as crianças vão se tornando autores e sujeitos de sua própria aprendizagem - lendo e escrevendo suas histórias, registrando suas experiências, a criança vai progressivamente incorporando a escrita à sua atividade cotidiana (PÉREZ, 1997, p.67).

Diferentemente dos textos copiados e reproduzidos por outros, a criança precisa escrever para descobrir o poder e o encanto das palavras. Escrever para dar forma às palavras de acordo com o desenho que esculpiu de seu mundo, assim como o oleiro faz com o barro em suas mãos, dá-lhe forma, poesia e encanto. Aprender a escrever para ampliar seu olhar diante do mundo. Nesse balancê, torna-se imprescindível ir ao encontro da criança com sua “palavramundo”, interagir com a mesma, compreendendo que “no movimento das interações sociais e nos momentos de interlocução, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano” (SMOLKA, 2008, p. 45). Nesse movimento, aprendizagem da leitura e da escrita é um processo contínuo no qual a criança vai descobrindo e se apropriando de suas descobertas e compondo outras leituras.

Quando a criança escreve o que para ela faz sentido o aprendizado da leitura e da escrita transforma-se em um processo natural e real de descoberta, pois a criança vai se apropriando daquilo que para ela carrega significado. A descoberta da leitura e da escrita precisa ir além do pacote de regras, pois “reduzir a aprendizagem da escrita à aprendizagem de sinais é despir a linguagem escrita de todo o valor que possa ter para a criança. É transformar o ato de escrever num processo difícil, enfadonho, artificial e sem sentido” (PÉREZ, 1997, p.66).

## Considerações Finais

O olhar do poeta está sempre a acenar, seja pousado no sol, na lua, na rua, em qualquer prateleira ou canto, onde se descortina um espetáculo de cores e imagens onde é possível imaginar e sonhar. Brincar. Colorir. Imaginar. Voar. Onde é possível ouvir o azul. Para Skliar, o modo diferente e inaugural de ver e ouvir o mundo, a disposição que o poeta possui da escuta e do olhar é sempre inédita, não é algo pronto para ser incorporado ou explicado, é para ser sentido, - esse é o caráter perceptivo do poeta, que faz com que disponha de uma percepção, mas não de uma teoria (2014, p.24). Poesia para sentir. Poesia acende nossos sentidos, ilumina. O poeta sente, percebe o mundo para transcendê-lo em palavras, nos lembrando de que a travessia poderá até ser pesada, mas, se ouvirmos o azul, poderemos enxergar flores entre as pedras, apenas lembrando, ou apenas nos inspirando, nunca nos impondo ou teorizando algo.

No prefácio do livro *Meu quintal é maior que o mundo*, José Castello diz que o objetivo da poesia de Manoel de Barros não é explicar, mas “desexplicar”. Diz ainda que sua poesia “se desenrola

além da razão e de seus bons argumentos. Talvez, seja por isso que é uma poesia que se apega à infância, momento da vida em que todos os sentidos estão por se fazer” (2016, p.9). Infância que não é apenas uma temática em sua escrita, faz parte de sua maneira de compor poesias.

A poesia não precisa do pigmento da cor para pintar nosso mundo e nem do som para fazer-se ouvir, ela própria se basta para nos encantar e nos embalar, sem explicação. É preciso escutar a cor do passarinho, contemplar as palavras, gestá-las. Ouvir o azul. Gorjear. Se preciso for, se sentir saudade, voar para o ninho, como poetizou Maria. Aprender com Paulo Freire, que em sua palestra sobre a Importância do Ato de Ler em uma comunicação sobre as relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos, em São Tomé e Príncipe, onde todos esperavam um discurso cartesiano, imóvel e rigoroso, Freire, revisita suas memórias, a casa onde viveu em Pernambuco, lembra das árvores que o abrigava, traz sua palavramundo à tona. Freire voa de volta ao seu ninho.

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores (FREIRE, 2011, p.21).

Para ouvir o azul que o poeta enxerga, precisamos de uma prática, na qual podemos, apesar dos moldes, envolver também um pensar, um olhar curioso. Podemos partir do igual, entretanto, temos condições de fazer do igual uma prática diferente. Dos retalhos podemos tecer o canto azul que as crianças buscam enxergar no aprendizado da leitura e da escrita.

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática social de que fazem parte (FREIRE, 2003, p.86).

No movimento da escuta da poesia, as crianças criam outras significações para a leitura. O importante não é o texto em si, mas a relação que as crianças tecem com a leitura e com a escrita através da poesia. Ouvem-na. Com a imaginação recriam-na. As palavras escorregaram em suas escritas tornando-se multiplicadoras de olhares e de gestos, não um “eu” repetido, mas autores capazes de sentir a leitura e a escrita como experiência. Enxergam azul. Assim como o mundo colorido de Manuela, onde a borboleta brinca com sua imaginação e o passarinho gorjeia para Maria.

## Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza. **Etnografia da prática escolar**. 12ª ed. São Paulo: Papirus, 2005.
- BARROS, Manoel. **Menino do Mato**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2017.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Antologia. Rio de Janeiro: Objetiva, 2016.
- FIORI, Ernani Maria. **Aprender a dizer a sua palavra**. In: Paulo Freire. *Pedagogia do Oprimido*. 59ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 11ª.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 51ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.



LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Professoras alfabetizadoras: histórias plurais, práticas singulares.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal, ARAÚJO, Mairce. A “palavramundo” como conteúdo alfabetizador: problematizando o conceito letramento. In: ZACCUR, Edwiges Guiomar dos Santos. (Org.). **Alfabetização e Letramento - o que muda quando muda o nome.** Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.

SMOLKA, Ana Lúcia Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita.** A alfabetização como processo discursivo. São Paulo: Cortez, 2008.

SAMPAIO, Carmen Sanches. **Alfabetização e formação de professores.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

Recebido em: 27 de novembro de 2019.

Aceito em: 21 de março de 2022.